La Comédiathèque

Ela e Ele

Monólogo Interativo

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora, deve obter a autorização do autor:
https://comediatheque.net

Ela e Ele, Monólogo Interativo

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Comédia de sketches sobre a entusiasmante aventura da vida a dois. Em cada cena, um casal, que pode ser sempre o mesmo ou mudar de sketch para sketch.

Entrada dos Artistas....3
1. Noite de núpcias....6
2. A época das cerejeiras....8
3. Sem televisão....11
4. Quarentena....14
5. Definição do amor (por exclusão)....17
6. Reencontro....18
7. Carpaccio e Bacon....20
8. Desaparecimento....23
9. As páginas desportivas....26
10. Para onde vamos quando morremos?....29
11. A estação das chuvas....32
12. Pequenos negócios....34
13. A idade não perdoa....37
14. Pesadelo....40
15. Os móveis....42
Saída de emergência....45

Elenco

Ela

Ele

Os dois papéis podem ser interpretados pelo mesmo casal ao longo de toda a peça ou por intérpretes diferentes em cada sketch.

© La Comédiathèque

Entrada dos Artistas

A escuridão instala-se, como se o espetáculo estivesse prestes a começar. No entanto, nada acontece por um tempo considerável, o que começa a gerar desconforto na sala. A luz retorna num canto da sala, onde um espectador e uma espectadora, que parecem não se conhecer, estão sentados juntos. O homem consulta nervosamente o "Guia de Lazer" e verifica o seu relógio. A mulher pega pipocas de um grande cone e come-as de forma pouco discreta e compulsiva.

Ele – Desculpe... Sabe o que se passa?

Ela *(encolhendo os ombros)* – Estamos à espera dos atores...

Ele – Até agora, apenas os espectadores mal-educados chegavam atrasados ao teatro. Se os atores agirem da mesma forma...

Silêncio.

Ela *(preocupada)* – Deixe-me ver o seu guia, por favor. Pode ser que tenham cancelado a representação...

Ele passa-lhe o seu Guia de Lazer. Ela não sabe como segurá-lo com o seu cone de pipocas nas mãos.

Ela *(oferecendo-lhe as pipocas)* – Quer?

Ele hesita por um momento antes de aceitar, para libertar as mãos. Ela folheia o guia, sem encontrar o que está a procurar. Ele come as pipocas com um ar desgostoso.

Ela – Desculpe, estou habituada a outro guia de espetáculos...

Ele – E eu não suporto pipocas...

Ela devolve-lhe o guia e pega no seu cone.

Ela – Fazer o quê...! Já é tarde para o cinema... Teremos de esperar...

Ele – Vamos ver se pelo menos vale a pena...

Ela *(preocupada)* – As críticas são más?

Ele *(olhando para a plateia)* – Não há muita gente na sala...

Ela – Olhe, as críticas nem sempre significam muito... Às vezes, no teatro, há peças elogiadas por todos os críticos que duram horas... Ninguém ousa dizer que se está a aborrecer, com medo de parecer um idiota. E depois dizem-nos que, se não percebemos nada, é porque a peça é muito profunda...

Ele – Comédia não é tão fácil. Se as pessoas não se riem durante a representação, não vão dizer depois: é uma comédia muito engraçada, mas apenas para os críticos.

Ela – É crítico?

Ele – E a senhora, não?

Ela – Atriz...

Ele – Ah, sim... Claro...

Ela – Além dos cómicos e dos críticos, quase ninguém vai ao teatro agora, certo? De cada dois espectadores, pelo menos um é ator. Acabaremos por não saber onde está o palco...

Ele – Conhece a peça?

Ela – Não... Mas uma amiga minha representa nela. Vim vê-la... para lhe dar uma alegria.

Ele – É uma atriz conhecida?

Ela – Ela faz mais teatro...

Ele – Então... (Desconfiado.) É mesmo atriz?

Ela *(preocupada)* – Acha que não represento bem?

Ele – Não, não... Representa muito bem!

Ela – Atriz à noite e vigilante de museu durante o dia.

Ele – Dada a modernidade do repertório, não é assim tão diferente...

Silêncio.

Ela – Não tenho mais pipocas...

Ele *(suspirando)* – Talvez morramos de fome antes do início do espetáculo...

Ela – Sim... Parece que nos esqueceram...

Ele – Daqui a alguns anos, uma empregada encontrará os nossos dois esqueletos de mãos dadas.

Ela – De mãos dadas...?

Ele – Ao ver o fim aproximar-se, talvez nos entreguemos num gesto de ternura. Somos como dois náufragos numa ilha deserta, não é? Não temos escolha...

Ela – Acha que nos devolvem o dinheiro?

Ele *(surpreendido)* – A senhora pagou bilhete?

Ela – Não...

Ele – Então...

Eles levantam-se para sair.

Ele – Talvez possamos voltar outro dia...

Ela – Com o sucesso que está a ter, duvido que continue muito tempo em cartaz...

Ele – Iremos ver outra.

Ela – É um convite...?

Ele *(tirando um cartão)* – Para dois.

Ela – Espero que desta vez comecem a horas... O que é?

Ele *(lendo o cartão)* – "Ela e Ele"...

Ela – Parece aborrecido, não?

Ele – Não se esqueça de voltar a ligar o telemóvel...

Ela – Ah, sim... Tinha-me esquecido de o desligar...

Eles saem. Escuridão na sala.

1. Noite de núpcias

Ela e ele deixam-se cair no sofá, exaustos.

Ela – Finalmente! Pensei que nunca mais sairiam...

Ele – Dizem que de cada dez casais, sete não fazem amor na noite de núpcias... Agora entendo porquê...

Ela *(com um sorriso)* – Podíamos tentar contrariar as estatísticas...

Ele – Esqueces-te de que o avião descola às seis e quarenta e cinco... De um aeroporto a quase uma hora daqui...

Ela – A quase uma hora daqui?

Ele – Eu avisei-te! Consegui os bilhetes num leilão na Internet...

Ela – Porque é que as companhias de baixo custo têm de partir de aeroportos perdidos no meio de nada? Por outro lado, quando se parte de um sítio daqueles, qualquer destino parece um sonho. Até Bratislava...

Ele – Dizem que Bratislava é muito bonita... Na primavera...

Ela – Não estarás a confundir com Praga?

Ele – Está ali perto, não está?

Ela – As Maldivas são maravilhosas em qualquer altura do ano... E a primavera ainda está a dois meses de distância...

Ele – As Maldivas... Toda a gente vai para lá, não é?

Ela – É verdade que uma lua de mel em Bratislava é muito mais original... Não deve haver muitos recém-casados naquele avião. O único casal que confundiu Bratislava com Brasília pôs os bilhetes novamente à venda na Internet...

Ele – Um dia vamos às Maldivas... Talvez no nosso aniversário de casamento...

Ela – Sim, nas nossas bodas de prata... Quando já não couber num fato de banho... *(Suspira.)* A vida está mal organizada. Devíamos herdar aos vinte anos, começar a trabalhar aos cinquenta, depois da reforma, e ter filhos aos setenta, para não envelhecermos sozinhos... E o casamento serviria de extrema-unção...

Ele – Por outro lado, uma vida sem sogra... Não sei se valeria a pena...

Ela – Achas que ainda te amarei daqui a vinte anos?

Ele – Não terás muita escolha... Quando já não conseguires vestir nenhum fato de banho...

Ela – Conheço uma rapariga que disse «não» no dia do casamento, por brincadeira. Ia dizer «sim» logo a seguir... Mas o funcionário do registo civil não achou graça nenhuma. Teve de esperar meses para voltar a marcar a cerimónia. Como no exame de condução: quando chumbas, não podes voltar no dia seguinte. Sabias?

Ele – Não...

Ela – Os casamentos são aborrecidos, não são?

Ele – Não nos casamos para nos divertirmos...

Ela – Não me digas que as pessoas se casam para ir de lua de mel a Bratislava, saindo de um aeroporto perdido no meio de nada, a meio da noite... Se for esse o caso, começo a perguntar-me por que razão disse «sim»... Afinal, em que país fica Bratislava?

Ele – Não sei... Praga costumava ser a capital da Checoslováquia...

Ela – Então nem sequer sabes para onde me levas na lua de mel... A minha mãe tinha razão. Não sei para onde vou contigo...

Ele – Espera... Praga é a capital da Chéquia... Bratislava deve ser a capital da Eslováquia. Ou da Eslovénia... Seja como for, usa-se o euro. Nem sequer precisamos de trocar dinheiro...

Ela – E tu... Ainda me amarás daqui a vinte anos?

Ele – Como não amar para sempre uma rapariga que aceita seguir-me para um país desconhecido na zona do euro?

Ela – Se for para me testar, então...

Sequência emocional, interrompida por ele.

Ele – Não quero apressar-te, mas o avião parte dentro de duas horas... E o aeroporto não fica propriamente aqui ao lado...

2. A época das cerejeiras

Ela e ele estão sentados no sofá.

Ela – Vês? A cerejeira está em flor.

Ele – Mais um ano que passou...

Silêncio.

Ela – Somos felizes, não somos?

Ele – Sim... *(Pausa.)* Estamos a aborrecer-nos, não estamos?

Ela – Juntos?

Ele – Na vida, em geral.

Ela pensa.

Ela – Podíamos trocar de sofá...

Ele – E que fazíamos ao antigo?

Ela – Ir de férias...

Ele – Não é altura para isso.

Ela – Dar uma festa...

Ele – Para celebrar o quê?

Ela – A floração da cerejeira!

Ele – Dizem que os japoneses fazem isso na primavera. Convidam amigos para admirar a sua cerejeira, bebendo chá, sem dizer nada...

Ela – Melhor não demorar. As primeiras pétalas já estão a cair.

Ele – Tal como o meu cabelo.

Ela – O teu cabelo?

Ele – Começa por cair um e, quando damos por isso, estamos carecas... *(Pausa.)* E quem convidávamos?

Ela – Amigos.

Ele – As pessoas nunca estão disponíveis...

Ela – Se os avisares com antecedência.

Ele – Convidas para tomar uma bebida e eles tiram as agendas. Em vez de bebermos, discutimos uma data possível. Na semana seguinte, ligam para dizer que afinal não podem e marcam outra data... Quando me apetece beber, é logo. Daqui a duas ou três semanas, talvez já não tenha sede. Não há espontaneidade!

Ela – Talvez seja porque as pessoas têm medo de se aborrecerem.

Ele – Vais ver! Eles não estarão dispostos. Vão propor uma data. Entretanto, as pétalas da cerejeira estarão no chão.

Ela – Um tapete de pétalas também é muito bonito.

Ele – Hoje está bom tempo. Que tempo fará daqui a um mês? Além de acertar as agendas, terias de consultar o serviço meteorológico. Convidar amigos torna-se ainda mais complicado do que prever um eclipse. Não... em vez de tentar divertir-me com tanta gente daqui a um mês, prefiro ainda estar certo de me aborrecer contigo em breve.

Ela – Obrigada...

Ele – Há pouco tempo, o meu melhor amigo deixou-me uma mensagem. Havia seis meses que não tinha notícias dele. Liguei-lhe logo e convidei-o para beber algo. Ele respondeu que não estava disponível, que me ligaria para marcar uma data. Ainda estou à espera que ele ligue. Nem sequer sei por que me ligou...

Ela – Talvez estivesse um pouco deprimido...

Ele – Não sei se se sentiu melhor depois da chamada. Daqui a seis meses, ligar-me-á de novo e será a mesma coisa. É isto que chamamos de amigos agora. A internet é igual, não é? Dizem que é "amigável". Não se fala com o vizinho ao lado, mas com isto fala-se com chineses em esperanto. Conheces muitos chineses?

Ela – Quando era criança, com o meu vizinho da frente, tentávamos comunicar à noite com lanternas de mão usando código Morse. Também não funcionava muito bem...

Ele – As pessoas estão sempre ocupadas. O que terão de fazer tão interessante para nunca terem tempo para tomar uma bebida com o melhor amigo sem marcar com semanas de antecedência? Eu tento ficar disponível. Mas nunca ninguém está livre. Então aborreço-me... Tu não te aborreces?

Ela – Contigo, nunca...

Silêncio.

Ele – E se mesmo assim tomarmos essa bebida?

Ela – Os dois?

Ele – Estarias disponível?

Ela – Quando?

Ele – Agora mesmo!

Ela – Porque não?

Ele – Vou buscar os copos.

Ela – Eu trato dos amendoins.

Alguém bate à porta.

Ele – Estamos à espera de alguém?

Ela – Não... Quem poderá ser a esta hora? Vamos jantar...

Ele faz um gesto de que também não sabe.

Ele – As pessoas são tão mal-educadas. Não podemos estar tranquilos por cinco minutos, nem sequer durante o fim de semana.

Ela – Vou ver quem é...

Ele – Não estou disponível para ninguém.

Ela – E se for um amigo?

Ele pensa.

Ele – Dizes-lhe que a nossa cerejeira do Japão está em flor... E que volte quando houver cerejas.

3. Sem televisão

Um casal sentado num sofá. A sala está vazia de outros móveis. Não fazem nada, não dizem nada, e olham fixamente para a frente.

Ela – O que há na televisão esta noite?

Ele – Não sei. Porquê?

Ela – Só para saber... *(Um tempo)* A sério que não queres comprar outra?

Ele – Quando tínhamos televisão, não conseguíamos deixar de olhar para ela!

Ela – Foi feita para isso, não foi?

Ele – Éramos completamente viciados! Não fazíamos mais nada a não ser isso!

Continuam a olhar fixamente para a frente.

Ela – E agora, o que fazemos?

Ele – O que queres fazer?

Ela – Nada...

Ele – Já é melhor do que ficar a olhar para a televisão... *(Pausa.)* Quando só havia um canal, ainda vá. Mas agora, com a televisão por cabo...

Ela *(nostálgica)* – Quando era pequena, não tínhamos televisão. Ia vê-la na casa do meu vizinho...

Ele – Queres que pergunte ao vizinho se podes ir à casa dele ver televisão?

Silêncio.

Ela – Podíamos discutir.

Ele olha preocupado.

Ela – Já que não temos televisão, podemos aproveitar para discutir.

Ele – Então, vamos. Começas tu.

Ela pensa.

Ela – Amas-me?

Ele *(desconcertado)* – Talvez pudéssemos começar de forma mais gradual, não?

Ele pensa.

Ele – O que há para jantar esta noite?

Ela – À quarta-feira é dia de peixe.

Ele – Normalmente, é à sexta-feira...

Ela – À sexta-feira é frango.

Ele – Não é muito católico, isto, pois não?

Silêncio.

Ele – Que peixe é que compro?

Ela – Vou eu. Também preciso de comprar lentes.

Ele – Lentilhas? Para acompanhar o peixe?

Ela – Lentes de contacto! Na ótica. E ultimamente não me apetece nada comprar comida congelada...

Ele – Por falar em congelados, ouviste falar daquele homem que mandou congelar o corpo depois de morrer?

Ela – Já devia ser um bocado passado da cabeça... E se comprasse cavala com pimenta?

Ele – Não ficará demasiado picante?

Ela – Tem pimenta.

Silêncio.

Ele – Se um dia me traísses, dirias-me?

Ela olha para ele com surpresa.

Ela – Queres dizer: se tu me traísses, gostaria que tu me dissesses ou não?

Ele – Também, sim...

Ela – E por que me fazes essa pergunta?

Ele – Bem, é para conversar... Já que não temos televisão.

Ela pensa.

Ela – Como queres que responda a essa pergunta?

Ele – Bem... sim ou não.

Ela – Achas mesmo que é assim tão simples?

Ele – Não é?

Ela – Responder é já aceitar a possibilidade de que me possas trair.

Ele – E então?

Ela – É como se me perguntasses: se eu te assassinasse, preferias que me entregasse à polícia ou que tentasse escapar à justiça?

Ele parece não entender a relação entre as duas coisas.

Ela – Isso pressupõe que eu considere, com toda a naturalidade, a hipótese de te assassinar. Essa é a verdadeira questão. A outra é secundária.

Ele – Mas a infidelidade não é um crime. Certo?

Ela – A infidelidade é a causa de muitos crimes...

Ele pensa, um pouco preocupado.

Ele – Então, se te traísse, poderias matar-me?

Ela – Em qualquer caso, se o fizesse, certamente me entregaria à polícia depois. A justiça tem sempre sido indulgente com crimes passionais...

Silêncio.

Ela – Portanto, estás a considerar calmamente a possibilidade de me traíres.

Ele – Noventa e cinco por cento dos animais são polígamos. Os restantes só vivem a dois enquanto criam as crias. Isso prova que a fidelidade não é uma coisa natural...

Ela – Não somos animais.

Ele – Resta um 5% de animais monógamos. Isso não faz deles seres humanos. Por que a fidelidade teria que ser um critério de humanidade?

Ela – É a base da família, que é, por sua vez, a base da sociedade.

Ele – Então, não me traís por civismo?

Silêncio.

Ela – Custa-te assim tanto ser-me fiel?

Ele – Não... mas estava a pensar se a fidelidade tem o mesmo significado para homens e mulheres.

Ela – E na tua opinião, por que os homens são fiéis? Quando o são...

Ele pensa.

Ele – Para evitar complicações?

Silêncio.

Ele – Estou a pensar se não seria melhor comprarmos outra televisão.

4. Quarentena

Ela está sentada no sofá. Ele chega.

Ele – É incrível! Mais um antigo colega da escola a convidar-me para os seus quarenta anos. Não achas estranho?

Ela – Se tinham vinte anos mais ou menos na mesma altura, não é estranho que, vinte anos depois, façam todos quarenta quase ao mesmo tempo.

Ele – O estranho é que não tinha notícias destas pessoas há anos... E agora o telefone não para de tocar.

Ela – Vais?

Ele – Estou um pouco assustado. Já passou tanto tempo. Eles podem ter mudado, não?

Ela – Queres dizer fisicamente?

Ele – Fisicamente, moralmente... Espero que não estejam muito decrépitos.

Ela *(fazendo-se de rogada)* – E eu? Tens a certeza de que não estou muito decrépita?

Ele – Contigo fui-me habituando, pouco a pouco. Mas reencontrá-los de repente... Parece um filme de mortos-vivos! É estranho, esta necessidade de se juntarem quando se aproximam dos quarenta.

Ela – Chama-se fazer anos, não é?

Ele – Dizem que os animais se aproximam dos homens quando sentem a morte se aproximar. Deve ser algo assim. Uma espécie de instinto gregário. *(Um tempo)* O que é que vou dar a este também?

Ela – Um caixão?

Ele – Isso é caro, não é?

Ela – Estava a brincar... E tu?

Ele – Eu também.

Ela – Não, quero dizer: E tu, estás a pensar em fazer algo pelos teus 40 anos?

Ele – O que queres que faça? Conheces algum remédio para evitá-los? De qualquer forma, por favor, não me prepares uma festa surpresa. Se não vejo todas estas pessoas há 20 anos, certamente é por alguma razão.

Silêncio.

Ele – Quantos anos tens, exatamente?

Ela lança-lhe um olhar zangado, sem responder.

Ela – Teremos de convidar os vizinhos para jantar um dia.

Ele – Porquê?

Ela – Por nada!

Ele – Eles nunca nos convidaram.

Ela – Se todos pensassem assim...

Ele – Só porque somos vizinhos não significa que tenhamos que ser amigos.

Ela – Todos os nossos amigos vivem longe daqui! Era bom ter amigos mesmo ao lado...

Ele – Sim, é muito conveniente... Reduz os custos de transporte. Ou seja, a poluição. Portanto, podemos dizer que é ecológico ser simpático com os vizinhos.

Silêncio.

Ele – E ele, o que faz exatamente?

Ela – Não sei. Todas as manhãs vejo-o sair de casa com uma maleta. Não sei para onde ele vai. Da próxima vez, posso perguntar, se quiseres...

Ele – E ela?

Ela – Eles são muito discretos...

Ele – Vai ser um jantar animadíssimo, se nem sequer pudermos fazer perguntas...

Ela – Sempre podes falar de ti.

Ele – Eles têm filhos, não têm?

Ela – Todas as manhãs vejo três deles a saírem de casa para irem para a escola. Suponho que sejam deles.

Ele – Ah, sim! Um pequeno, um médio e um grande... (Preocupado) Será que temos que convidá-los também?

Ela – Não! Dizemos-lhes que é um jantar só para adultos. Assim ficam à vontade.

Ele – Estavas a falar dos vizinhos da frente, não estavas?

Ela – Dos do lado! Os vizinhos em frente mudaram-se há seis meses, depois do divórcio deles. Não viste o cartaz de "Vende-se"?

Ele – Não.

Ela – Além disso, eles não tinham filhos.

Ele – Sério?

Silêncio.

Ela – Por acaso não é a nossa semana de fazer a limpeza?

Ele *(suspirando)* – A limpeza é o cimento da vida a dois... Até se fala de «vida doméstica». E, quando entra mais uma pessoa na equação, já temos um ménage à trois...

Ela – Três pode ser também um casal com uma criança...

Ele – Cada um com as suas fantasias...

Silêncio.

Ela – Então?

Ele – Achas mesmo que temos dinheiro para ter um filho agora?

Ela – Não é uma questão de dinheiro, sabes disso muito bem... Além disso, não somos tão pobres...

Ele – Vamos ficar pobres com uma data de filhos! Quanto mais filhos têm as pessoas, mais pobres ficam...

Ela – Não achas que é o contrário?

Ele – Se os pobres deixassem de ter filhos, ao fim de uma geração toda a gente seria rica... Houve até países que tentaram limitar o número de filhos por família. E acreditavam que isso resolveria tudo...

Ela – Podemos começar com um...

Ele – Quando teríamos tempo para cuidar dele? Nem sequer temos tempo para fazer a limpeza.

Ela – Contratávamos uma empregada de limpeza.

Ele – Onde iríamos colocar o bebé?

Ela – Podias instalar o teu escritório na cave.

Ele – Isso começa muito bem... E tu? Estás a pensar em deixar o teu emprego?

Ela – Contratávamos uma ama.

Ele – Além da empregada? Não é mais um triângulo, é uma pequena empresa! Não tenho a certeza de ter espírito empresarial...

Silêncio.

Ele – Já não poderíamos sair à noite...

Ela – Chamávamos alguém para tomar conta dele à noite.

Ele – Nunca tinha percebido o quanto a natalidade tinha um efeito tão direto no emprego.

Ela – E no consumo...

Ele – Fraldas, leite em pó, brinquedos, cuidados médicos...

Ela – Carro novo...

Ele – Tens razão. Este bebé é capaz de tirar o país da crise...

5. Definição do amor (por exclusão)

Ele *(para uma interlocutora imaginária)* – Há quanto tempo nos conhecemos? Pelo menos vinte anos, não é? (Silêncio) Porque é que nunca fizemos sexo juntos? Gostamos um do outro, não é verdade? Até poderíamos ter casado. É estranho, vejo-te um pouco como uma ex-namorada. Mesmo que nunca tenhamos saído juntos... Quase, uma vez. Lembras-te? Tentaste embebedar-me. Ou talvez tenha sido o contrário, não sei. Acabámos em tua casa completamente bêbedos. Rimos a noite toda, mas esquecemo-nos de ir para a cama. Talvez tenha sido por isso. Porque nos damos tão bem. Faltaria um pouco de tempero. Aborrecer-nos-íamos, no final. A verdade é que nos rimos muito quando estamos juntos, mas... Não consigo imaginar fazer sexo com uma rapariga que ri. Bem, há rir... e rir. Posso fazer uma rapariga rir para fazer sexo com ela. Mas fazer sexo com uma rapariga que me faz rir... Não, se me deitasse contigo, teria a sensação de estar a deitar-me com um amigo. Uma amiga, se preferires. Além disso, não gosto de loiras. Sim, eu sei. Não és loira. Mas eras quando te conheci... Não sabia que não era a tua cor natural! Não é que não goste de loiras, mas... Depende. Será a cor. Eras demasiado loira. Raparigas muito loiras, não sei, fazem-me uma certa impressão. Fisicamente. Não sei porquê... Deve ter algo a ver com a pele. E agora já é tarde. Sempre te vou imaginar na pele de uma loira que pintou o cabelo de moreno. Além disso, não és exatamente morena, não é? Castanha também não. Como posso dizer? Nem loira nem morena. Não é que não goste de ti, entendes? Além disso, agradas a todos os rapazes. Normalmente, isso é mais incitante... Mas contigo, não. Não, simplesmente não consigo dizer exatamente por que nunca tive vontade de me deitar contigo... Deve ser isto, o amor... Quero dizer, o "não sei quê" que faz com que duas pessoas queiram ir para a cama juntas, ou até mais, se houver afinidade. Olha! Conseguimos definir o que é o amor! Bem, pelo menos o que não é... Agora, por que razão é que casei com a minha mulher e não contigo, ou com outra pessoa? Quem sabe. Bem, para começar, ela gostava de mim. Era mais fácil. Se não tivesse gostado de mim, teria eu insistido? E se tivesse insistido, ela teria gostado disso? Quem sabe? O amor partilhado é mais simples, mas é menos... Como dizer? Sem correr riscos, a vitória não tem tanta graça. No entanto, não sei o que ela gostava em mim. Tens alguma ideia? Claro que podia perguntar-lhe, mas... Se ela me fizesse a mesma pergunta... Há assuntos em que é melhor não mexer. Algo de mistério num casal não é nada mau. Mas sem exagerar. Durante um tempo, saí com uma rapariga. Depois de um ano, ela deixou-me. Perguntei-lhe porquê. Ela respondeu que se aborrecia na cama comigo. Imagina! Um ano! É muita discrição, não é? Agora, porque é que saiu comigo durante um ano? Nem sequer me ocorreu perguntar-lhe... Alguma coisa ela havia de ver em mim, não é verdade? A menos que me tenha mentido. Quanto às minhas habilidades sexuais, quero dizer... Para se vingar... Não digo isto porque me tenha atingido no meu orgulho de homem, certo? Fiquei só um pouco surpreendido. Honestamente, tenho mais fama de ser bom na cama. E tu? Quero dizer, e tu, realmente não queres dizer-me por que razão nunca quiseste andar comigo? (Preocupado) Não tens de responder. Certo?

6. Reencontro

Ela chega, com um grande sorriso.

Ela *(radiante)* – Reconheces-me?

Ele *(voltando-se para ela)* – Não.

Ela *(cúmplice)* – Foi há anos, mas...

Ele – Ah, sim, talvez...

Ela *(um pouco ofendida)* – Talvez?

Ele – Sim, sim, já me lembro, sim... Como tens estado?

Ela – Bem. O que fazes aqui?

Ele – Bem, nada. E tu?

Ela *(preocupada)* – Mudei assim tanto?

Ele – Não! Não! Porquê?

Ela – Há pouco não me reconheceste.

Ele – Desculpa, não estava à espera de te encontrar novamente aqui.

Ela – Tu não mudaste, pois não?

Ele – Obrigado...

Ela – E então? O que tens feito?

Ele – Bem... Tudo na mesma.

Ela – Sempre tão comunicativo, certo?

Ele fica sem saber o que dizer.

Ela – Voltaste há muito tempo?

Ele – De onde?

Ela – De lá!

Ele – Ah, sim... Não.

Sorriem estupidamente, confusos.

Ela *(emocionada)* – Fiquei tão feliz por te reencontrar.

Ele – Eu também...

Ela – Tenho de ir... Alguém está à minha espera...

Depois de uma pausa.

Ela – Um abraço?

Ele – Claro...

Pegando-o de surpresa, ela dá-lhe um beijo intenso nos lábios.

Ela *(comovida)* – Até outro dia, talvez.

Ele *(confuso)* – Talvez, sim...

Ela – Bem, então... Adeus, Paulo!

Ela solta-se dele, quase a chorar.

Ele – Sim... Adeus.

Ela parte. Eles acenam-se à distância para se despedirem. Ele fica sozinho.

Ele *(desconcertado)* – Paulo?

7. Carpaccio e Bacon

Um casal admirando uma parede invisível, olhando para algo que não pode ser visto.

Ele – Panini, não?

Ela – Deixa ver...

Ela se aproxima e, olhando para o quadro, lê o nome do pintor inscrito abaixo da pintura.

Ela – Carpaccio.

Ele – Mesmo?

Admira o quadro por um tempo antes de passar para outro.

Ela *(brincalhona)* – Vai tentar adivinhar?

Ele – Claro...

Ele olha atentamente para o quadro.

Ele – Miró?

Ela – Miró? Quem não vê bem és tu! Devias ir ao oftalmologista...

Ela olha para ele como se dissesse que não é isso.

Ele – Milo?

Ela – Milo? Queres dizer Millet!

Ele – Isso mesmo! Confundo sempre o Ângelus de Millet com a Vénus de Milo...

Passam para outro quadro.

Ele – Agora é a tua vez, certo?

Ela olha para o quadro com grande concentração.

Ela – Manet...?

Ele olha para o nome abaixo da pintura para verificar.

Ele – Monet!

Ela – Bem... Não é muito diferente, certo?

Passam para outro quadro.

Ela – Olha, um Bacon...

Ele olha, surpreso. Depois, ambos olham o quadro.

Ela – Tem bom aspeto, não tem?

Ele – Sim, é...

Ela – É Bacon.

Ele – Pois é...

Silêncio.

Ela *(pensativa)* – Às vezes, fico a pensar...

Ele – O quê?

Ela – Se não soubesse que é Bacon, talvez achasse isso nojento...

Ele olha para ela perplexo.

Ela – Passa-se o mesmo com todos estes quadros. Se não soubéssemos que valem milhões! A sério, imagina que nunca ouviste falar da Mona Lisa. Encontras a pintura num mercado de velharias e está à venda por algumas centenas de euros. Podes afirmar, com certeza, que a pendurarias sobre a tua lareira? Essa mulher com um sorriso tolo...

Ele pondera.

Ele – De qualquer maneira... não temos lareira...

Ela – É verdade, tens razão, visitamos dezenas de museus, centenas de exposições, e nem sequer somos capazes de perceber a diferença entre uma obra-prima e uma porcaria...

Ele – Como podemos saber? Nos museus, só vemos obras-primas. É uma pena. Em cada museu, deviam dedicar uma sala exclusivamente às porcarias. O princípio de um teste às cegas, percebes? Para descobrir se as outras pinturas são realmente belas ou se parecem assim porque nos disseram que são.

Ela – Além disso, os museus são como igrejas, não é? Vamos lá mais pelo ambiente.

Ele – Felizmente, não é preciso acreditar para praticar... Assim como no amor...

Ela olha para ele sem entender.

Ele – Quero dizer, assim como no casamento... Olha... Casamos na igreja... E no entanto, não acreditamos realmente em Deus...

Silêncio.

Ela – Lembras-te da nossa primeira visita a um museu? Levaste-me ao Museu Picasso...

Ele *(nostálgico)* – Sim...

Ela – Estávamos tão entusiasmados... Só a meio da visita percebemos que tínhamos entrado num museu de história da cidade...

Ele – Pois... Os edifícios eram muito parecidos por fora...

Ela *(sorrindo)* – Estava a começar a questionar porque é que os preliminares demoravam tanto...

Ele – Preliminares...?

Ela – Quero dizer, Picasso... O seu período inicial...

Ele – Ah, sim...

Silêncio. Começam a ir embora.

Ela – Já ouviste falar naquele artista que pinta fundos do mar?

Ele não percebe muito bem.

Ela – Ele veste-se de mergulhador, coloca o cavalete no fundo do mar e pinta corais.

Ele – Corot?

8. Desaparecimento

Um casal sentado no sofá. Não dizem nada e parecem estar entediados. Ele começa a procurar algo, sem sucesso.

Ele – Já viste o comando da televisão? Desapareceu...

Ela olha para ele surpresa.

Ela – Mas... já não temos televisão!

Ele – Ah, sim, claro...

Silêncio.

Ele – O que farias se, algum dia, eu desaparecesse?

Ela olha para ele novamente, perplexa.

Ela – Queres dizer... como o comando da televisão?

Ele – Não como o comando da televisão! Se eu desaparecesse... de vez...

Ela – Não te estás a sentir bem?

Ele – Sim, sim, estou a sentir-me bem. É apenas uma hipótese.

Ela – Não tens uma hipótese mais divertida?

Ele – Sou mais velho do que tu... Logicamente, irei embora primeiro.

Ela – Só temos três anos de diferença...

Ele – As mulheres vivem mais do que os homens! Além disso, posso ter um acidente. Um ataque cardíaco. Um cancro.

Ela – Eu também!

Ele – Sim, mas eu fiz a pergunta primeiro.

Ela – Bem... não sei. Veremos. Tenho tempo para pensar nisso, certo?

Ele – Mais vale prevenir...

Ele – Quer dizer, prever...

Ela olha para ele perplexa.

Ele – Seja o que for, mais vale que saibas. Prefiro ser cremado.

Ela – Porque é que me estás a dizer isto agora?

Ele – Bem... não vou dizer-te depois, certo? *(Um tempo)* Esta é a minha obsessão. Ser enterrado vivo. E tu?

Ela – Não deve acontecer com muita frequência.

Ele – Basta que aconteça uma vez, certo?

Ela – E ser queimado vivo não te assusta?

Ele olha para ela com preocupação.

Ele – Nunca tinha pensado nisso... *(Um tempo)* Achas que há vida após a morte?

Ela – Não sei se é realmente algo desejável...

Ele – Não terias de te preocupar com dinheiro, isso é certo...

Ela – Caso haja vida após a morte?

Ele – Se eu desaparecesse!

Ela – Ah, sim... Não estava preocupada.

Silêncio.

Ele – Se quiseres voltar a casar, compreenderei perfeitamente...

Ela – Obrigada.

Ele – Mas também não tens de casar com ele...

Ela – Ele?

Ele – Aquele tipo! Com quem viverias se eu desaparecesse. É melhor conservares a tua independência.

Ela – A minha independência?

Ele – É estranho... Não consigo imaginar-te a viver com outra pessoa...

Ela *(ofendida)* – Achas que ninguém me quereria?

Ele – Sim, sim. É por isso. A verdade é que... acho que teria ciúmes.

Ela – Terias ciúmes quando morresses?

Ele – Sim...

Ela – E se eu desaparecesse antes?

Ele *(de má-fé)* – Nunca tinha pensado nisso. *(Pausa.)* Se voltasse a casar, ficavas zangada?

Ela – Não estaria aqui para ver.

Ele – Sim, mas... terias ciúmes...?

Ela olha para ele, suspeita, mas não responde.

Ele – Com quem me imaginarias?

Ela – Queres que te apresente uma amiga minha, só por precaução? É isso?

Ele – Quando uma criança fica sem pais, tem padrinhos. Quando um deputado morre ou se demite, há um suplente. Está tudo previsto...

Ela – E os automóveis têm roda sobresselente... (Desconfiada.) Não me estarás a dizer que já me arranjaste uma substituta?

Ele – Não é assim tão simples, sabes...

Silêncio.

Ele – O bom da bigamia é que, em caso de morte, só se é viúvo a meio.

Ela olha para ele, atordoada.

Ela – Sim...

9. As páginas desportivas

Ela lê uma revista feminina. Ele fica entediado e, depois de um momento, abre um jornal desportivo. Ela nota, surpresa.

Ela – Estás a comprar agora a imprensa desportiva?

Ele – E por que não compraria a imprensa desportiva?

Ela – E... planeias lê-la?

Ele – Vou folheá-la... Só para ver...

Ela – Ver o quê?

Ele – Não sei. Todos os gajos lêem isso no metro. Queria saber o que é tão fascinante nisso.

Ela – E encontraste?

Ele – Não...

Ela parece desconcertada.

Ela – Interessas-te por desporto?

Ele – Muito pouco...

Ela – Bem, não é estranho que não te interesse ler a imprensa desportiva...

Ele fecha o seu jornal.

Ele – Gostar de desporto é uma coisa. Outra é precisar de saber todas as manhãs se a equipa de Bratislava ganhou por 3-2 ou se empatou... Eu nem sequer sei onde fica Bratislava...

Ela – Não é a capital da Eslováquia...?

Ele – Como é que sabes isso?

Ela – Ou da Eslovénia...

Ele – Eslovénia? Tens a certeza de que têm uma equipa de futebol? Não é demasiado pequeno?

Ela – Bem, também não é o Vaticano.

Ele – O Vaticano tem uma equipa de futebol?

Ele – E já que falamos do Vaticano... o que pensas?

Ela – Da religião?

Ele – Do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Ela – Não sei se isso resolve realmente alguma coisa...

Ele – Resolve para quem?

Ela – Para os casais que querem casar, evidentemente!

Ela faz um gesto para dizer que não sabe. Ele volta a ler o seu jornal desportivo.

Ela – E porque é que estás tão preocupado, de repente, em saber por que os homens leem a imprensa desportiva?

Ele – Talvez precise de verificar a minha virilidade...

Ela – Bem, quase!

Ele – Muito obrigado...

Ela *(para o tranquilizar)* – Vamos lá. Pode-se ser homem sem ler um jornal desportivo.

Ele – Achas?

Ela pensa nisso.

Ela – Não sei... Queres que te subscreva uma revista de carros?

Ele olha para ela, questionando se ela está a gozar com ele ou não. Ela volta a ler a sua revista feminina.

Ele – E tu?

Ela – Eu o quê?

Ele *(referindo-se à revista)* – O que é que achas tão interessante nessas tolices?

Ela olha para ele.

Ela – Tu também as lês...

Ele – Bem... Só para brincar.

Ela – Bem, eu não leio a imprensa desportiva. Nem a brincar...

Ele *(perturbado)* – Achas que estou afeminado, é isso?

Ela – De modo nenhum, claro! Além disso, todos os homens leem revistas femininas das suas mulheres. É bem sabido. Porque achas que há tantos anúncios de carros nessas revistas?

Ele *(a pensar)* – É verdade que não há muita publicidade de máquinas de lavar nos jornais desportivos.

Ela – Apesar do futebol sujar muito... Basta ver o número de jogadores de futebol que aparecem nos anúncios de detergentes.

Ela tenta voltar a ler a sua revista, mas nota que ele ainda está preocupado.

Ela – Ainda há alguma coisa que te preocupe?

Ele – Não... Só estava a pensar na diferença entre homens e mulheres...

Ela – Sim...

Ele – Olha para a roupa, por exemplo... As calças já não são exclusivas dos homens, enquanto as saias ainda são reservadas para as mulheres.

Ela olha para ele incrédula.

Ele – E com as cores é a mesma coisa. Vocês podem vestir cinzento ou rosa. Nós só temos direito ao cinzento. Ou ao castanho... Queixam-se de que não gostamos de fazer compras, mas já viram a tristeza de uma loja de sapatos de homem?

Ela *(preocupada)* – Gostavas de usar uma minissaia rosa e sapatos de salto alto?

Ele – Não! É apenas uma constatação! Tivemos de partilhar o nosso melhor atributo masculino e o que recebemos em troca? (Abre com raiva o seu jornal desportivo) Pelo menos temos a imprensa desportiva!

10. Para onde vamos quando morremos?

Ela e ele estão sentados no sofá.

Ele – Já passou o carteiro?

Ela – Estás à espera de algo?

Ele – Nada em particular... mas sempre espero um milagre ao abrir a caixa de correio. Dir-me-ão que ganhei um concurso em que não participei. Que uma velha tia muito rica, que não sabia que tinha, morreu sem herdeiro. Que o Nobel me foi atribuído antecipadamente para premiar a minha obra futura... Todos os dias, ao abrir a caixa de correio, sinto-me como uma criança diante da árvore de Natal.

Ela – Sim... à medida que envelhecemos, já não acreditamos no Pai Natal, mas continuamos a acreditar no carteiro. Além disso, há semelhanças... Ambos usam uniforme. Têm uma mochila. Trazem surpresas para abrir e ninguém os vê...

Ele – Bem, ao carteiro, precisamente, vemos por altura do Natal. Quando ele vem buscar o seu presente de Ano Novo... *(Suspiro)* Odeio o Natal. A cada ano, há menos cartas de Natal na caixa de correio e mais anúncios de óbito. Mas porque espero pelo carteiro como se fosse o Messias...? Bem, o pai do Messias era provavelmente carteiro, não é verdade? Porque essa história da Imaculada Conceição... A menos que acreditemos também no Pai Natal...

Ela – Para receber cartas, tens de escrever algumas. A maioria das pessoas só recebe respostas. Se não enviares nada, claro que não receberás nada... Acho que nunca recebi uma carta tua...

Ele *(irónico)* – Queres que nos escrevamos de vez em quando?

Ela olha para ele, irritada.

Ele – O que poderíamos dizer um ao outro? Seria como escrever a mim próprio, não é? De qualquer forma, quando escrevemos, é sempre mais ou menos para nós mesmos. Há pessoas a quem escreves cartas intermináveis... Quando as vês, apercebes-te de que não tens nada para lhes dizer. É muito onanista escrever...

Ela serve-se de um copo e acende um cigarro.

Ele – Estás a fumar agora?

Ela *(surpreendida)* – Sim... há cerca de vinte anos. Nunca tinhas reparado?

Um tempo.

Ele – Sabias que cada cigarro encurta a vida em cerca de dez minutos? *(Ela não responde)* Quantos cigarros fumas por dia?

Ela *(irónica)* – Pela minha estimativa, já deveria ter morrido há uns seis meses. Estranho, não é?

Ele – O mesmo acontece com o telemóvel, não é? Dizem que faz mal à saúde. Que mais de quinze minutos por dia e podemos acabar com um tumor no cérebro... É melhor não ter chamadas ilimitadas... *(Pausa.)* A propósito, sabes o que a tua filha me perguntou esta manhã, enquanto eu lavava os dentes?

Ela – Não.

Ele – Onde se vai depois de morrer?

Ela – E o que lhe disseste?

Ele – O que achas que lhe disse?

Ela – Não sei.

Ele – Isso mesmo. Disse-lhe que não sei.

Ela – E depois?

Ele – Ela disse: "Mas papá, quando alguém morre, vai para o cemitério!"

Ela – E?

Ele – Depois voltou a comer os seus cereais. Parecia muito contente por me ter ensinado algo. E um pouco surpreendida por, com a minha idade, ainda não saber disso... Incrível, não?

Ela – Que te tenha feito essa pergunta?

Ele – A capacidade das crianças de aceitar explicações simples para perguntas simples. Um professor de Filosofia teria falado de metafísica, de transcendência, toda aquela conversa... Deus, na pior das hipóteses. As crianças são muito mais pragmáticas. Além disso, são naturalmente ateias.

Ela – Acreditam no Pai Natal.

Ele – Bem... porque os pais lhes dizem que ele lhes trará presentes. Se não, nunca lhes teria ocorrido inventá-lo. Se te dissessem que um benfeitor anónimo te daria um bónus anual no Natal, não terias pressa em questionar a sua existência. Mas Deus nunca nos trouxe nada no Natal e, no entanto, algumas pessoas ainda acreditam que ele existe... Tu acreditas que ele existe?

Ela – O Pai Natal?

Silêncio.

Ele – E não achas incrível que a nossa filha não tenha medo de acabar enterrada? A nós assusta-nos, não é? Hoje à noite tenho de lhe perguntar o que entende exatamente por «quando se morre vai-se para o cemitério»... *(Pausa.)* Tu o que achas?

Ela olha para ele, confusa.

Ele – Quero dizer: o que achas que ela entende com isso?

Ela – Bem... isto.

Ele – Como isto?

Ela – Quando se morre, vai-se para o cemitério.

Ele – Tu também acreditas nisso?

Ela – Porquê? Tu não acreditas?

Ele – Sim... mas...

Ele olha para ela surpreendido.

Ele – Espera... Não me digas que para ti também é assim tão simples!

Ela – Bem... de certa forma, sim.

Ele olha para ela com um sorriso condescendente.

Ela – Há pouco parecia-te maravilhoso aceitar respostas simples às perguntas simples, em vez de complicar tudo...

Ele – Sim, mas... não tens cinco anos!

Ela – Pois então respondes tu: para onde vamos depois de morrer?

Ele parece apanhado de surpresa.

Ele – Bem... não é tão simples como parece, certo?

Ela – Estou a ouvir...

Ele – Não sei, é... a questão do sujeito...

Ela – A questão do sujeito...? Melhor dizias o sujeito da questão...

Ele parece desamparado.

Ele *(a pensar)* – Para onde vamos depois de morrer? Não se vai para lado nenhum.

Ela – Pois é...

Ele – Bem, se quiseres.

Ela – Mesmo que não queira...

Ele – Não, mas... vai-se para o cemitério... não significa nada! Também podes ir para o cemitério estando vivo. Dás um passeio, voltas para fora e vais ao bar beber um copo. O que significa ir para o cemitério? Além disso, podes muito bem morrer e não ir para o cemitério. Se não encontrarem o cadáver! Nesse caso, não podes dizer: "quando alguém morre, vai para o cemitério." Vês que não é tão simples como parece!

Ela – Está bem... e se a tua filha te fizer a mesma pergunta novamente, o que vais dizer?

Ele – Bem... não sei... direi... quando alguém morre, vai para o cemitério... geralmente. Se encontrarem o cadáver... Os vivos também podem ir para o cemitério, mas... quando alguém morreu, é definitivo.

Ela *(consternada)* – Pois...

11. A estação das chuvas

Ele está aqui, não muito desperto. Ela chega, cheia de energia.

Ela *(olhando para a sala)* – Viste? Eles voltaram!

Ele – Quem? Os espectadores?

Ela – Claro! Quem havia de ser? Extraterrestres?

Ele olha para ela cansado.

Ela – Hoje estou cheia de energia! Dormi muito bem esta noite.

Ele – Fico feliz...

Ela – Há dias assim... Acordei com o pé direito.

Ele – Hmm...

Ela – Estou com tanta fome! E tu?

Ele – Não...

Ela – Sinto como se tivesse tomado anfetaminas. Deve ser a primavera. Tu não te sentes assim?

Ele – Eu não sei... Nunca tomei anfetaminas...

Ela – Um raio de sol e puf! Vejo a vida cor-de-rosa.

Ele – Tens sorte.

Ela – Devia ter nascido num sítio onde fizesse bom tempo durante todo o ano.

Ele – Isso existe?

Ela – Nos trópicos.

Ele – Há uma temporada de chuvas.

Ela – Ah, sim!

Ele – Dura seis meses.

Ela – Tanto tempo!

Ele – Porque é que achas que tanta gente foge para a praia nas férias? Nos trópicos há meses de sol e meses de chuva.

Ela – Pelo menos, faz bom tempo metade do ano, e sabes quando. É mais organizado do que aqui. Lá, não te perguntas todas as manhãs se deves levar o guarda-chuva ou não. E quando o levas, sabes que é por seis meses.

Ele – Na Antártida é a mesma coisa. O ano é dividido em dois. É dia no verão e noite no inverno.

Ela – Sempre tens a opção de hibernar, como os ursos polares.

Ele – Sim, mas com o degelo... Deitas-te e, quando acordas, estás à deriva num bloco de gelo, longe de casa...

Ela suspira.

Ela – Não existe um país com 365 dias de verão e o inverno repartido por 365 noites? De noite, tanto faz que esteja frio: estamos a dormir.

Ele – Não existe.

Ela – Devia ter nascido noutro planeta.

Ele – Às vezes, pergunto-me se não é o caso...

Um momento. Eles olham para o horizonte.

Ela – Parece que está a ficar nublado, não?

Ele – Achas...?

Ela – Olha para aquelas nuvens enormes. O vento está a trazê-las para cá.

Ele – Vivemos num clima temperado... Em linguagem meteorológica, isso significa que o pior é sempre possível. E até provável, a curto prazo.

Ela – E a meteorologia... Já ouviste falar da última novidade? Já não falam apenas em graus Celsius ou Fahrenheit, mas em «temperatura sentida»... Sentida por quem? Pelos que sentem frio como eu ou pelos que nunca sentem frio? Pelas que esqueceram de vestir uma camisola ou pelos que usam roupa térmica...? Gostaria de saber qual termómetro mede isso, a sensação térmica...

Ele – É como aqueles estudos sobre o estado de espírito da população. Dizem que esta semana baixou dois pontos.

Ela – Isso deprime-me.

Ele – Lá vem a chuva.

Ela – Prefiro não ver... Vou telefonar à minha mãe para saber se na cidade dela faz sol.

Ele – Estás a ver? Era exatamente o que eu dizia...

Ela – O quê?

Ele *(apontando para o céu, como um extraterrestre de cinema)* – Telefonar para casa...

12. Pequenos negócios

Ele, sentado no sofá, olha fixamente para o vazio. Ela chega e percebe.

Ela *(desconcertada)* – Porque estás a olhar assim?

Ele – Bem... estou a ver televisão.

Ela – Mas já não temos televisão!

Ele – Sim, eu sei, mas... é como se me tivessem amputado as pernas e eu continuasse a sentir formigueiro nos pés...

Ela senta-se ao lado dele.

Ela *(consternada)* – Recebi hoje uma chamada para ti no telemóvel...

Ele – Ah, pois, desculpa! Esqueci-me de te avisar. Deixei o número do teu telemóvel no atendedor de chamadas do trabalho, para poderem contactar-me durante as férias...

Ela – Férias? Mas nós só partimos na próxima semana!

Ele – Bem... assim eles já têm o número.

Ela *(consternada)* – O número do meu telemóvel? E durante toda a semana, vou receber chamadas para ti...?

Ele – E depois...? Dizes-lhes para me ligarem de novo...

Ela – Não achas que seria mais simples comprares um para ti?

Ele – Um telemóvel? Bem... quando saio de casa, é para estar tranquilo. Não quero ser incomodado...

Ela – Claro, porque sou eu que recebo as tuas chamadas de trabalho! Estava numa reunião da escola quando me telefonaram para perguntar pelo teu artigo: «Deve proibir-se o uso de tanga nas escolas?» Achas que isso não me incomoda?

Ele – Não desligaste o telemóvel durante a reunião?

Ela *(irónica)* – Desculpa, esqueci-me... Um telemóvel é algo muito pessoal. Não se pode emprestar. Mesmo entre marido e mulher. Não sei... É como uma escova de dentes!

Ele – Uma escova de dentes? Bem, se quiseres usar a minha escova de dentes nas férias, não há problema...

Ela – Ou um computador, se preferires! Deixarias que eu usasse o teu computador se eu não tivesse um?

Ele prefere não responder.

Ela – E depois das férias?

Ele finge não entender a pergunta.

Ela – Vou continuar a receber chamadas para ti? Sorte que não tens nada a esconder...

Ele – Depois das férias, digo-lhes que perdi esse maldito telemóvel. Ou que me roubaram. Isso acontece com frequência...

Ela – Ótimo! E se me ligarem mesmo assim, vão pensar que sou uma ladra... Lembras-te de que este é o meu telemóvel?

Ele – Bem, então deixa-me usá-lo e compras um novo para ti... Problema resolvido...

Ela – E as pessoas que querem ligar-me a mim, o que fazem?

Ele – Dou-lhes o número do teu novo telemóvel, e está feito!

Ela – Claro, é muito mais fácil do que comprares diretamente um telemóvel para ti. (Suspeitosa) Não será para te poupares a esse incómodo que estás a tentar tomar conta do meu?

Estão prestes a discutir. Percebem e faznum esforço para se acalmarem. Silêncio.

Ele – Sabias como o talhante me chamou hoje de manhã?

Ela aparentemente não faz ideia.

Ele – «O senhor»... *(Imitando o talhante.)* «O que vai ser para o senhor?» Foi a primeira vez que me tratou assim. Senti que tinha envelhecido de repente...

Ela – Deve ser como quando deixam de chamar «menina» a uma mulher e passam a chamar-lhe «senhora»...

Ele – Mete medo, não mete? Um dia ainda nos trata por «o senhor e a senhora». Felizmente nunca fazemos compras juntos. Imagina que nos chama «o casal»... Tornava-me vegetariano no mesmo instante!

Ela continua sem reação, a ler o livro. Ele vira-se para ela.

Ele – A verdade é que a carne sempre me causou alguma repulsa. A ti não?

Ele – O frango ainda vá... Mas um talho é uma coisa assustadora, se pensarmos bem. A carne ensanguentada, os animais pendurados na câmara frigorífica, as vacas à espera do abate... Tudo aquilo faz lembrar um filme de terror.

Ele – Sabias que há religiões que defendem uma alimentação vegetariana?

Ela finalmente levanta os olhos do livro.

Ela – Ah, já agora, não precisas de comprar a lâmpada da casa de banho: já tratei disso. E encontrei a vizinha. Estava a comprar uma mala...

Ele olha para ela sem entender. O telemóvel dela toca.

Ela – Sim...?

Ela muda de expressão.

Ela *(com uma amabilidade fingida)* – Não, sou a secretária dele. Mas não desligue, vou passá-lo já. Com quem tenho o prazer de falar...? (Entrega-lhe o telemóvel, furiosa.) É para ti. O teu amigo Miguel...

Ele pega no telemóvel como se nada fosse.

Ele – Sim...?

Ele – Como é que isto funciona...?

Mas ele não sabe como usar o aparelho.

13. A idade não perdoa

Ela encontra-se à esquerda do palco, a despedir-se da filha, que não vemos. Ele observa a cena um pouco atrás.

Ela – Divirtam-se, mas portem-se bem. E tu, traz-ma cedo, está bem? Estou a confiar em ti.

A filha sai, e o casal retorna ao centro do palco, trocando um sorriso cheio de insinuações, ao mesmo tempo divertido e comovente.

Ela – A primeira saída dela com um rapaz...

Ele – Isto não nos torna mais novos...

Ela – Pois... Fiquei com a moral em baixo.

Um momento.

Ele – Como é que ele se chama mesmo?

Ela – Francisco Augusto.

Um momento.

Ela – É estranho, não é?

Ele – O quê?

Ela – O facto de ele se chamar Francisco Augusto!

Ele – Eu chamo-me João Sebastião...

Ela – Exato! É um nome de velho...

Ele – Talvez seja um velho pervertido disfarçado de adolescente com borbulhas, como nos anúncios sobre os perigos da Internet. A esta hora, deve estar a tirar a máscara...

Ela *(voltando-se)* – Não brinques com isso...

Ele – Ou então os pais dele têm gostos antiquados. Daí aquele nome...

Ela – Os teus pais deram-te o nome de João Sebastião e nem sequer tocavam piano...

Ele faz um gesto para consolá-la.

Ele – Vá, tens de te habituar. Isto é só o princípio. Daqui a uns anos, ficaremos sozinhos em casa, como dois velhos...

Ela – Obrigada. Era mesmo isso que precisava de ouvir para me animar...

Ele *(brincalhão)* – Preparei uma surpresa para te ajudar a superar este momento difícil.

Ela – Vais levar-me a jantar fora?

Ele – Algo melhor.

Ele tira um charro do bolso e mostra a ela.

Ela *(tentada, mas indecisa)* – Não... Achas? Há pelo menos quinze anos que não fumo, nem sequer um cigarro. Da última vez que tentei dar uma passa num cigarro, pensei que morria de overdose...

Ele – Isso vai fazer-nos lembrar da nossa juventude. E lembra-te de que fumámos o nosso primeiro charro juntos. Estaríamos casados hoje se não estivéssemos completamente chapados quando nos conhecemos?

Ela – Provavelmente não...

Ele acende o charro, dá uma passa profunda e passa para ela.

Ele – Uau... Isso é bom...

Ela também dá uma passa no charro e parece estar nas nuvens. Mas de repente, o sorriso feliz desaparece.

Ela – E se ele lhe oferecer droga...?

Ele – Com aquele nome antigo, duvido...

Ela – Tu também te chamas João Sebastião, e foste tu quem me deu o primeiro charro.

Ele – Talvez isto ainda acabe em casamento... Vá, descontrai-te um bocadinho...

Ela – Tens razão... De qualquer maneira, não há nada que possamos fazer. Temos de aprender a viver com isso...

Ele – Queres dizer, a viver sem ela...?

O telefone toca. Ela dá mais uma tragada no charro, passa para o marido e atende com desânimo, enquanto ele também dá mais uma tragada.

Ela *(sem vontade)* – Estou...? (De repente, alarmada.) Querida! Que foi? Assustaste-me! Pensei que tivessem tido um acidente... Ah, percebo. Bem, não é tão grave como um acidente de carro... Não queres ir ao cinema na mesma? Fazia-te bem distraires-te. E se convidasses uma amiga...? Está bem, vem para casa. Conversamos aqui. Ficamos à tua espera...

Ela desliga.

Ele – O que aconteceu?

Ela – O Francisco Augusto acabou o namoro com ela...

Ele – Nunca fui com a cara daquele rapaz. Tinhas razão. E aquele nome ridículo...

Ela – Está de rastos... O primeiro desgosto de amor...

Ele – Bem, não é tão grave... Não será o último... *(Ele oferece o charro)* Vamos, fuma isso. É muito bom...

Ela *(sem ligar ao charro)* – Ela vem para cá. Sou mãe dela, tenho de a consolar... Ai, que a casa anda toda à roda! Estou enjoada... Porque é que me fizeste fumar esta porcaria...?

Ele parece completamente chapado e sorri como um bobo.

Ele – A mim está a saber-me lindamente, nem imaginas...

Ela – Meu Deus... E a casa inteira cheira a erva!

Ela tenta dispersar o fumo com uma revista. A campainha toca novamente.

Ela – Oh, não... É ela!

Ele – Bolas! Não podia ter esperado pelo fim do filme para acabar com ela? Eu que pensava que hoje íamos ter uma noite tranquila...

Ela – Bem, não será em breve...

Eles tocam a campainha novamente.

Ela – Abre as janelas para arejar. Vou entretê-la uns segundos à porta... (Voltam a tocar.) Já vou, querida! (Volta-se para ele, que ainda tem o charro na boca.) E apaga já isso, por amor de Deus!

14. Pesadelo

Ele entra com uma peruca loira e uma bola de futebol. Ela chega depois, por trás, com um casaco de homem e um bigode à Hitler ou Chaplin.

Ela – Guten Tag...!

Ele fica assustado quando a vê.

Ele – Mas... quem é a senhora?

Ela – Sou a ama.

Ele parece aterrorizado. Ela tira um maço de cigarros.

Ela *(estendendo o maço para ele)* – Quer fumar?

Ele está prestes a pegar o cigarro que ela oferece, mas desiste prudentemente.

Ele – Não, obrigado.

Ela – Natürlich. É proibido fumar. Há um cinzeiro, mas isso não quer dizer nada: é para os infratores não queimarem a alcatifa... Proíbem uma coisa e, por via das dúvidas, preparam-se para quem não respeita a proibição. (Tira um pacote de pastilhas elásticas.) Quer uma pastilha?

Ele – Faz-me ficar inchado...

Ela – Sabe por que razão os grilos do metro estão em vias de extinção?

Ele – Existem grilos no metro?

Ela – Ou gafanhotos, já não sei. Dizem que se alimentavam de beatas. Agora que é proibido fumar no metro, morrem de fome. Alteraram um ecossistema inteiro! Podiam passar a comer pastilhas, mas os grilos não são tão adaptáveis como nós...

Ele – Há pouco tempo, vi uma exposição sobre a vida animal no meio urbano. Não se sabe muito, mas há uma fauna incrível nas grandes cidades. Dizem que até há lobos. Mas centenas...

Ela – Lobos?

Ele – Não, mas só saem à noite, nos parques...

Ela – Não quererá dizer raposas... ?

Ele – Ah, sim, talvez... Seja como for, eu nunca vi um...

Ela – Talvez porque os parques estão fechados à noite...

Barulho de uma porta a fechar. Ele parece preocupado.

Ela – A empregada fechou a porta ao sair... e levou a chave.

Ele – Não há janelas... Nem sequer podemos pedir socorro...

Ela – Não tem telemóvel?

Procura ansiosamente nos bolsos. O rosto dela ilumina-se ao encontrar algo.

Ele – Sim! (Para de sorrir ao perceber que não é um telemóvel) Oh, não! É o comando de TV que andei a procurar por toda parte...

Ela – Mas aqui não há televisão...

Ele – Bem... O carteiro vai libertar-nos amanhã de manhã ao trazer o correio...

Ela – Amanhã é Natal...

Ele – Ah, pois é, que chatice...!

Ela – Quer deitar-se um bocadinho?

Ele olha para ela assustado. Ela tira um lençol branco.

Ela – Se vamos passar a noite de Natal juntos, mais vale ficarmos confortáveis. Que lado prefere?

Ele *(resignado)* – Tanto faz...

Ela – Então fico com este.

Ela deita-se debaixo do lençol. Ele faz o mesmo.

Ela – Então... Feliz Natal!

Ele – Pois, sim... Feliz Natal...

Eles desaparecem debaixo do lençol. A luz apaga-se. Depois de um momento, ele grita, acordando assustado, enquanto a luz volta. Ela acorda também. Ele já não tem a peruca, e ela já não tem o bigode.

Ela – O que se passa contigo, querido?

Ele – Nada, nada... Um pesadelo. Sonhei que era Natal...

Ela *(olhando para ele, perplexa)* – Mas, querido... é Natal!

15. Os móveis

O cenário está vazio. Ele está lá. Ela entra de fora.

Ela *(olhando ao redor, consternada)* – Mas... onde estão os móveis?

Ele *(satisfeito consigo mesmo)* – Nunca vais adivinhar...

Ela olha para ele, esperando uma explicação.

Ele – Um tipo bateu à porta esta manhã. Um antiquário.

Ela *(inquieta)* – E então?

Ele – Primeiro eu disse que não tínhamos nada para vender.

Ela – E depois...?

Ele – Achei que não custava nada pedir uma avaliação de tudo isso. A estimativa era gratuita. Nunca vais adivinhar quanto ele me ofereceu em troca de todas essas antiguidades.

Ela – Quanto...?

Ele – Mais do que o necessário para comprar outros.

Ela – Então por que os vendeste?

Ele – Para mudar um pouco! Disseste que querias comprar um sofá novo.

Ela – E daí?

Ele – Sabes muito bem que ao trocar o sofá também teríamos que comprar outra mesa que combinasse. Depois trocar as cadeiras também, e por aí vai...

Ela – Bem, talvez...

Ele – Ter-nos-ia custado uma fortuna! E o que faríamos com os nossos móveis antigos?

Ela não responde.

Ele – Assim é muito mais simples.

Ela – E enquanto isso?

Ele – À espera de quê?

Ela – De comprarmos outros...

Ele olha ao redor do cenário vazio.

Ele – Pessoalmente, nunca gostei de salas atravancadas de móveis.

Ela – Bem, agora com certeza não está cheio.

Ele – Não estás contente?

Ela – Por não ter móveis...?

Ele – Mas tu disseste que já não gostavas do velho sofá!

Ela – Eu não disse que não queria móveis! Nem sequer temos uma cama!

Ele – Mas acabei de explicar... Queria fazer-te uma surpresa agradável!

Ela *(conciliadora)* – Bem, vamos a um restaurante esta noite. Dormimos num hotel e amanhã compramos móveis de novo. Está bem?

Ele – Está bem...

Silêncio.

Ele – Agora temos que escolher o estilo.

Ela – Se formos mudar, vamos para o moderno, certo?

Ele – Sim... mas nesse caso, teremos de repintar tudo...

Ela *(irónica)* – És um perfeccionista, não achas?

Ele – Móveis modernos com estas pinturas desbotadas não ficariam bem...

Ela *(irónica)* – E se mudarmos de apartamento de uma vez?

Ele – Tu achas? *(Um tempo)* Olha, pelo menos não custaria muito nos mudarmos... Já não temos móveis. Fechamos os contadores de água e eletricidade, saímos e nem sequer precisamos voltar.

De repente, ela fica na dúvida.

Ela – Esvaziaste bem todas as gavetas?

Ele – Claro.

Ela – E a tua aliança?

Ele – A minha aliança?

Ela – A que guardavas na gaveta da mesa de cabeceira!

Ele – Caramba...

Ela não diz nada, mas fica claro que está muito chateada. Ele está muito abalado também.

Ele – Faz tanto tempo que estava ali. Eu nem me lembrava...

Silêncio.

Ela – Tens a morada desse antiquário?

Ele – Não... Pagou-me em dinheiro, carregou tudo numa carrinha e foi-se embora. (Sem grande convicção.) Se encontrar a aliança, há de telefonar...

Ela *(amarga)* – Claro... E se ele não a encontrar, sempre podes trocar de mulher... Escolher uma mais moderna que combine com as novas pinturas e móveis.

Ele – Desculpa...

Ela – E por que nunca a usaste, a tua aliança?

Ele – Usei-a, sim! *(Pausa.)* Antes do casamento. Lembras-te? Comprámos umas alianças baratas numa viagem a um país onde os hotéis não aceitavam casais que não fossem casados. Assim podíamos fingir que éramos marido e mulher.

Ela – Já que vendeste os móveis, até a cama de casal, vamos ter que ir para o hotel esta noite...

Ele – Não te preocupes. Aqui não nos pedirão o certificado de casamento.

Ela – E depois de nos casarmos? Por que deixavas a tua aliança na mesa de cabeceira?

Ele – Porque tinha medo de a perder...

Ela – Pois, serviu-te de muito...

Silêncio.

Ele – Ainda estás chateada...?

Ela não responde.

Ele – Vamos!

Ela – Para onde?

Ele – Para o hotel! Vai ser como uma segunda lua de mel... Sem alianças, sem móveis, em breve sem apartamento! Vamos começar de novo!

Ela – Eu ainda tenho a minha aliança...

Ele – Será melhor tirá-la.

Ela – Porquê?

Ele – Pareces casada. Eu não. No hotel vão pensar que se trata de um caso extraconjugal...

Ela – Estás a dar-me a opção entre o celibato e um relacionamento ilegítimo. É isso?

Eles saem.

Ela – Tens uma ideia estranha sobre o casamento...

Saída de emergência

O projetor ilumina um casal na sala. Ele veste o casaco. Ela acende um cigarro.

Ela *(entusiasmada)* – E então?

Ele *(categórico)* – Péssimo.

Ela *(ofendida)* – Péssimo?

Ele – Péssimo do princípio ao fim.

Ela – Então, não entendeste nada?

Ele – Como? Havia alguma coisa para perceber?

Ela – Ah, já percebi... *(Pausa.)* Estás a vingar-te...

Ele olha para ela interrogativamente.

Ele – Eu? A vingar-me...?

Ela – Eu gostei, tu não. Que mesquinhez...

Ele – Se eu não gostei, não vou dizer que gostei só para te agradar!

Ela – Não disseste que não gostaste, disseste que é péssimo. Não é exatamente a mesma coisa...

Ele – Eu não vejo muita diferença, mas tudo bem...

Ela – A peça é péssima, eu gostei, logo também sou péssima.

Ele – Isso és tu que estás a dizer...

Ela – Não, foi Platão quem o disse.

Ele – Platão disse que és nula?

Ela – Chama-se silogismo. Todas as mulheres são mortais. Eu sou uma mulher. Logo, sou mortal.

Ele – Se foi Platão que o disse... Para mim, o espetáculo é que foi mortal! *(Pausa.)* E nem sei se esse teu silogismo faz sentido.

Ela – Certo. Continua...

Ele – Mas de que é que gostaste, afinal?

Ela – Tudo!

Ele – Isso é muito vago.

Ela – E tu, de que é que não gostaste?

Ele – É melhor não entrar em detalhes. Ficarias chateada de novo...

Ela – Eu, chateada? Mas que disparate! Não me importa nada que não tenhas gostado. Eu gostei e pronto. Tenho pena que te tenhas aborrecido...

Silêncio.

Ele – Não vamos discutir por causa disto...

Ela – Às vezes pergunto-me porque é que estamos juntos.

Ele a abraça por trás.

Ela – Espero que da próxima vez os dois gostemos...

Ele – Ou pelo menos tenhamos a mesma opinião...

Ela olha para ele interrogativamente.

Ele – Talvez nos aborreçamos os dois.

Ela – Sim... É uma visão minimalista da harmonia conjugal...

Eles saem.

Escuridão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Octubre de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-056-8

Documento para download gratuito